

EDUCAÇÃO E CINEMA: A ADOÇÃO NOS FILMES INFANTIS

Jaqueline Delgado Paschoal¹
Gilmara Lupion Moreno²

O cinema pensado a partir da educação, pode ser considerado uma forma de socialização dos indivíduos e instâncias culturais que produzem saberes, identidades e visões de mundo que orientam as práticas dos diferentes grupos sociais. Por meio dele é possível ensinar valores e crenças, já que é considerado por Duarte (2002) um espaço privilegiado de produção de sociabilidade e de interação entre os pares. De certa forma a linguagem cinematográfica possibilita ao espectador a competência para analisar, compreender e apreciar qualquer história apresentada pela magia do cinema. Isso porque, o cinema apoia sua linguagem fundamentalmente na imagem em movimento, visto que esse é o suporte principal e carro chefe da comunicação (DUARTE, 2002). Para o autor supracitado a imagem cinematográfica tem um grande componente subliminar, isto é, passa muitas informações que não captamos conscientemente, sobretudo porque são sublinhadas pelo som e legenda.

Nessa mesma perspectiva, Loureiro (2008) explora possíveis conexões entre o cinema e a educação a partir de uma reeducação do olhar, frente às produções fílmicas, já que reconhece que a educação como prática social se faz presente em diferentes momentos do cotidiano, e não apenas no âmbito da escola. Por isso “[...] é possível situar a produção fílmica não apenas como manifestação do tornar-se humano, mas também como elemento fomentador desse processo” (LOUREIRO, 2008, p. 136). Desse modo os filmes portam uma faceta educacional ao contribuir na formação de valores éticos, sobretudo quando retratam da dinâmica da vida em sociedade e “[...] se ocupam da transmissão e assimilação de sensibilidades e conhecimentos” (LOUREIRO, 2008, p. 137).

Outra questão importante é pensar o cinema do ponto de vista da experiência, pois “[...] ver um filme é estar diante de uma alteridade, uma condição exterior ao espectador que o força a estabelecer relação entre o que se passa com o filme e com a sua própria subjetividade” (BERTI, 2015, p. 43). Daí a importância de possibilitar situações em que o espectador tenha a oportunidade de assistir filmes capazes de ampliar o pensamento, pois segundo Berti (2015) estamos em conexão com o que vemos, sentimos e ouvimos, sobretudo aprendendo por meio das experiências compartilhadas.

Através de atividades que tenham como foco a diversificação de gostos, o educador, a partir da escolha de diferentes tipos de filmes, pode provocar estranhamentos capazes de aguçar os sentidos dos alunos, convidando-os a descobrir outros tipos de narrativas cinematográficas - escapando das habitualmente conhecidas. Na relação com o cinema, os estudantes podem ampliar suas formas de relação com/no mundo - não somente por favorecer a expansão do repertório cultural, mas, também por propiciar a proliferação de repertórios sensíveis - pois, a experiência sensível de apreensão do mundo não se dá exclusivamente pela racionalidade. Ela advém também dos afetos, ou seja, de como percebemos e nos afetamos pelas coisas que acontecem no mundo (BERTI, 2015, p. 45).

¹ Universidade Estadual de Londrina. Londrina- PR- Brasil. E-mail: jaquinedelgado@uol.com.br.

² Universidade Estadual de Londrina. Londrina- PR- Brasil. E-mail: gilmaraalupion@hotmail.com.

Sendo assim, essa pesquisa tem como objetivo discutir a relação entre educação, cinema e adoção, e sugerir algumas produções cinematográficas como um dos recursos para o desenvolvimento da cultura adotiva na sociedade em geral, e, também na escola. Como metodologia, utilizou-se a pesquisa bibliográfica a partir da leitura de autores como: Merten (1990); Duarte (2002); Loureiro (2008); Weber (2008); Fantin (2009); Maux; Dultra (2010) e Berti (2015).

Para Maux; Dultra (2010, p. 359) a história da adoção no Brasil apresenta um caminho extenso, já que desde o período da colonização essa cultura se fazia por meio da caridade das famílias ricas em relação aos mais pobres. Isso porque “[...] era comum haver no interior da casa das pessoas abastadas filhos de terceiros, chamados filhos de criação”. Na realidade não havia um interesse em cuidar da criança abandonada por afeto ou sentimento semelhante, mas, praticar a caridade cristã segundo a igreja e ao mesmo tempo, garantir a mão de obra barata nos afazeres domésticos ou mesmo na lavoura.

Este filho ocupava lugar diferenciado, sendo também singular a maneira como era tratado, sempre de forma distinta, comumente inferior, aos filhos biológicos. Seria algo semelhante a dormir junto com os demais membros da família e não no espaço reservado aos empregados, contudo, não possuir um quarto ou cama próprios (MAUX; DULTRA, 2010, p. 359).

Essa herança cultural contribui ainda hoje, para que essa cultura seja envolta por mitos e preconceitos, ainda que segundo Maux; Dultra (2010) haja uma “glamourização da adoção”, termo utilizado por Chaves (2008) ao se referir à adesão de celebridades na adoção de crianças. Para as autoras embora esse fato tenha chamado a atenção na mídia, não apresenta avanços e reflexões sobre o assunto, “[...] ou pelo menos elas não andam no mesmo ritmo, ficando as reflexões comumente restritas às famílias adotivas e aos profissionais que as assistem, incluindo ainda, os grupos de apoio à adoção existentes no país” (MAUX; DULTRA, 2010, p. 357).

Embora não seja objetivo desse estudo tratar das especificidades da temática, corroboramos com o pensamento das autoras de que a ausência de discussão pode levar a permanência de valores preconceituosos e equivocados sobre a adoção de crianças e adolescentes no Brasil. Por esse motivo, indicamos a sétima arte, ou seja, o cinema como um recurso importante na construção da cultura adotiva e sugerimos a seguir, filmes de animação como: “Meu malvado favorito”; “Kung Fu Panda”; “Tarzan” e “Super-Homem”, que podem ser utilizados para uma reflexão mais aprofundada sobre essa questão.

No filme “Meu malvado favorito”, dirigido por Pirre Coffin e Chris Renaud, o personagem Gru é apresentado, a princípio, como um vilão que não gosta de crianças. No entanto, quando percebe que não será fácil colocar seu plano de roubar a lua, já que o raio encolhedor é a única arma que possibilitará a concretização do intento e se encontra na fortaleza do outro super-vilão; ele vê a chance de adotar três irmãs órfãs. Isso porque, somente as meninas conseguem adentrar na impenetrável fortaleza do Vetor para vender-lhe biscoitos.

Ao adotar as meninas Margô, Edith e Agnes, Gru, não contava com a inocência e doçura das pequenas quando solicitado, para levá-las ao balé e ao parque de diversões. A partir disso, todo o mal humor e hostilidade começa a se dissipar, quando Gru demonstra um sentimento fraternal pelas meninas. Quando cobrado para contar histórias, Gru se emociona ao se deparar com um desenho em que Margô, Edith e Agnes, estão retratadas como parte integrante da árvore genealógica na parede. No desenrolar da história, a figura do vilão passa a dar lugar para a figura de pai herói, já que Gru além de devolver a lua, ainda consegue recuperar as filhas que se encontravam em poder de Vetor. Palavras de carinho, também são mostradas no filme, quando Gru deixa claro o sentimento afetuoso pelas meninas ao considerá-las suas filhas.

No filme “Kung Fu Panda”, dirigido por Mark Osborne e John Stevenson, traz como protagonista, um urso panda chamado “Po”, que tem um sonho de ser lutador de Kung Fu. Por não acreditar em seu próprio potencial, ele se torna fã do grupo “cinco furiosos”, que é constituído pela Tigresa, o Macaco, a Víbora, a Garça e o Louva-Deus, treinados pelo Mestre Shifu.

Adotado por uma ave, que lhe transmite ensinamentos como a importância de reconhecer seu próprio potencial e acreditar em si mesmo, Po progride e desperta para conquistar seu sonho, e sobretudo, vencer o terrível Tai Lung, um vilão que no sonho do seu orientador Mestre Oogway, uma tartaruga milenar, destruiria o Vale da paz. O filme mostra a necessária virtude do respeito ao próximo, quando o Mestre Shifu não reconhece o potencial de Po, porém, no desenrolar da história passa a aceitar o urso da maneira que ele se apresenta.

Já o filme “Tarzan”, dirigido por Chris Buck e Kevin Lima, mostra o pequeno lorde Greystoke, órfão com apenas um ano de idade e adotado e criado pela antropeide Kala, que faz dele Tarzan, o homem-macaco, ágil, forte, poderoso guerreiro, líder do seu bando e rei da selva.

No momento em que seus olhares se cruzaram houve um encontro de duas dores tão diferentes e tão iguais; dois desejos de estar junto, de proteger e de ser protegido. Tarzan pareceu nem mesmo importa-se com aquele ser de aparência tão diferente da sua mãe e isso reflete um pouco a prontidão existente nos bebês e crianças pequenas para criar vínculos afetivos (WEBER, 2008, p. 28).

A cena da Gorila que, enfrenta o leopardo para salvar o seu bebê, agora recém adotado, não se distingue em nada da coragem e da determinação com que enfrentou a fera para salvar a vida do seu primeiro bebê. Ao som de uma trilha musical encantadora, a gorila brinca, acaricia, cuida do pequeno bebê que adormece em seus braços, uma verdadeira mãe.

O filme “O Superman”, dirigido por Richard Donner, mostra a destruição do planeta Krypton. Proibido de abandonar o planeta moribundo, Jor-El, o pai do bebê Kal-El, envia seu filho a um mundo distante, chamado Terra, no qual ele poderá sobreviver ao fim de sua raça e onde terá superpoderes. Jor-El age como muitos pais se veem obrigados a fazer para salvar seus filhos, muitas vezes, entregando-os para adoção, com a certeza de que assim não morrerão e poderão sobreviver à pobreza, à fome e à desestrutura familiar que vivem naquele momento.

Chegando à Terra, Kal-El é adotado por Johnatan Kent e sua esposa, Martha Kent, que, mesmo com a idade avançada, diz ao esposo que é feliz ao seu lado, mas sente falta de um filho, um bebê. O casal cria Kal-El sem revelar os seus superpoderes. Assim, o menino recém chegado à Terra encontra um pai e uma mãe e muda a vida desse casal, que o acolhe e lhe ensina tudo o que sabe sobre como ser uma família ser feliz. Dentre os filmes infantis, este pode ser um dos que mais encantam as crianças adotadas, pela semelhança de suas histórias com a de um super-herói.

Para Fantin (2009) os filmes levam o espectador para lugares onde os mesmos deixam de ser meros espectadores, já que vivem emoções por meio de imagens, de músicas e de ambientes que permitem a identificação com os personagens e suas aventuras. Assim por meio do cinema é possível transgredir a relação tempo-espço e passado-presente, pois é possível viver intensamente às cenas que acontecem simultaneamente em diversos tempos e lugares.

Essa perspectiva de visualizar o passado e projetar o futuro permite compartilhar os caprichos da imaginação dos personagens, dos autores, dos diretores e também dos espectadores. No cinema, além de testemunhar o que a imaginação dos personagens revela, temos a possibilidade de ir além, pois os filmes oferecem panoramas deslumbrantes aos nossos olhos e mostram-nos milhares de fantasias possíveis (FANTIN, 2009, p. 211).

Desta maneira pode-se afirmar que o cinema enriquece o imaginário das crianças, segundo Fantin (2009, p. 212), independente da complexidade que envolve a relação entre imagem e imaginação. Isso porque “[...] o imaginário se constrói de diferentes formas, tais questões podem ser redimensionadas, mas as imagens de um filme raramente conseguem capturar a força emocional das imagens mentais que formamos ao ler”.

É importante ressaltar que os filmes aqui apresentados pretendem contribuir para novos olhares frente à cultura da adoção, haja vista que o cinema possibilita a magia e o encantamento por meio de suas produções fílmicas.

Referências

BERTI, A. O. Reflexões pedagógicas sobre o cinema. **Rev. Educ.**, PUC-Camp., Campinas, n. 20, jan./abr., 2015. p. 41-49.

DUARTE, R. **Cinema & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FANTIN, M. Cinema e imaginário infantil: a mediação entre o visível e o invisível. **Revista Educação e Realidade**, n. 34. maio/ago. 2009. p. 205-223.

LOUREIRO, R. Educação, Cinema e Estética: elementos para uma reeducação do olhar. **Educação e Realidade**, jan./jun. 2008. p. 135-154.

WEBER, L. N. D. **Aspectos psicológicos da adoção**. 2. ed. Curitiba: Juruá, 2008.

MAUX, A. A. B; DULTRA, E. A Adoção no Brasil: algumas reflexões. **Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia**, UERJ, ano 10, n. 2, 2010, p. 356-372.

MERTEN, L. C. O cinema e a infância. In: ZILBERMAN, R. (Org.). **A produção cultural para a criança**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990. 4. ed. p. 45-59.